Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 245

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE LOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

O ESPIRITO DAS TULHERIAS

Diziamos nós n'outro dia que o espirito das Tulherias foi a morte do exercito francez. Como as questões da força armada estão na ordem do dia em Portugal, não será de todo inutil insistir sobre esse ponto.

Desde o movimento philosophico do seculo dezoito, isto é, desde que morreu o regimen do direito divino, desde que a consciencia nacional começou a divorciar-se da monarchia, que deixou de existir o exercito francez. Não mais houve exercito em França, exercito digno desse nome, senão sob o regimen republicano, senão animado do espirito democratico.

E tanta gente que ignora esta verdade, que julga mesmo, e affirma, o contrario!

Do exercito de Luiz XV e de Luiz XVI escreve o general Foy:

«Era composto de duas classes distinctas: os soldados, condemnados a dar tudo sem nada obter, e os officiaes, chamados a invadir os graus da hierarchia sem ter tido o trabalho de os ganhar. Esta ultima classe subdividiu-se em nobreza de provincia e em nobreza de corte. Uma fornecia um certo numero de militares applicados á profissao, e muitos amadores, para quem o serviço era um simples passa-tempo; a outra povoava os regimentos de coroneis imberbes e os estados maiores de generaes de salão. Entre homens collocados em terrenos tão diferentes, separados por insuperaveis obstaculos, podia haver comunidades de perigos, mas nunca comunidade de posição e de interesse. Era um exercito disposto a desertar para o estrangeiro e sempre prompto a insubordinar-se. Em tempo de paz nunca se lhe retardava impunemente a distribuição dos viveres, ou o pagamento do soldo, e ninguem se atrevia a dar-lhe exercicio no dia 31 do mez, porque n'esse dia não recebia pão.»

Só quando o sentimento democratico o anima elle se torna digno de si proprio, que é esse exercito cheio de republicanos, esse a cujas fileiras, no dizer do general Thoumas, o *prosclytismo* levou *numerosos mancebos cheios de enthusiasmo*, o exercito que vae ajudar os Estados-Unidos a conquistar a sua independencia. «Os selvagens que visitavam o campo, escreve Rochambeau nas suas memorias, não voltavam a si do espanto que lhes causava ver as macieiras carregadas de fructos por cima das tendas que os soldados occupavam ha 3 mezes.»

E' o mesmo espirito de disciplina e de abnegação que se encontra mais tarde nos exercitos da Republica. No seu notavel livro *Les Transformations de l'Armée Française*, escreve o general Thoumas:

«Em 1795 os officiaes marchavam todos a pé, com mochila ás costas, os primeiros na fadiga como nos combates, sem outro alimento que o do soldado, vivendo das rações diarias e recebendo quatro sous por dia. **Nunca**, diz o marechal Soult, nenhum d'elles pensou em se queixar d'essa miseria. **Nunca**, acrescenta, os exercitos foram mais obedientes, nem animados de maior ardor. Foi a epocha das guerras, conclue, **em que houve mais virtude entre as tropas**. O soldo das mais altas patentes era de 8 francos por mez, e na propria meza do general em chefe, diz o general Foy, não apparecia outro pão além do pão do soldado, outra carne além da carne da ração d'étape.»

Animava-os o sentimento do dever e da verdade. Tinha-se secado, por instantes, esse espirito falso, dissolvente, dissoluto, que vinha das Tulherias.

Imperava a força immanente da egualdade e da justiça. Saint Júst e Lebas, durante a campanha de 1794, faziam fuzilar os voluntarios que iam roubar ovos aos pateos dos camponeses!

Foi Bonaparte quem começou a estabelecer a corrupção entre os homens d'esse grande exercito. Contudo, elle era ainda um filho da Republica, que conservou até ao fim a *mácula do peccado original*. Embora filho espurio! Recebeu o *baptismo de fogo* ao som da *Marselheza*. Como Hoche! Como Marceau! Como Masséna! Como Davout, Gouvion Saint Cyr, todos os grandes soldados do imperio. Foi o espirito republicano que os creou, que so educou, que lhes deu o fogo sagrado da victoria.

Todos elles eram inimigos do *direito divino*. E tanto que o direito divino, quando regressa, quando chega, apressa-se a assassina-los, aos que vivem ainda! a fuzila-los, a proscribe-los. Sopra de novo o espirito das Tulherias. Ceifa, ceifa sem descanso tudo quanto tem valor, tudo quanto tem audacia! Oh! sempre assim! Sempre assim! Em todos os tempos! Em todos os logares! As Tulherias não querem homens. As Tulherias só admittem lacaios, só aceitam cortezaos. Guerra aos homens. Guerra sem tréguas, guerra sem descanso. Guerra de exterminio! O marechal Brune é assassinado em Avignon, o general Lagarde em Nimes, o general Ramel em Tolosa. O marechal Ney é fuzilado, os generaes Mouton-Duvernét e Chartran, o coronel Labédoyère, o tenente coronel Mikton. São condemnados á morte o marechal Drouet d'Erlon, os generaes Debelle, Travot, Lefebvre-Desnouettes, Gilly, Grouchy, Laborde, Bertrand, Lallemand, Clausewitz, Brayer, Ameilh e Morand. Morand! O heroe de Hondschoote, Watignies, Pyramides, Heliopolis, Austerlitz, Auerstædt, Ey-

lau, Eckmühl, Wagram, Moskowa, Deunewitz e Waterloo!

Carnot, Pajol, Marbot, uma multidão de officiaes de todas as patentes, são exilados em massa. São presos e arrastados aos conselhos de guerra, como malfeitores, os generaes Gerard, Dronot, Cambonne, Harispe, Bonnet, Thiébault e Sémélé. «Vamos fazer a caça aos marechaes, dizia o duque de Berry, e é preciso matar oito pelo menos.»

A caça aos marechaes, a caça aos filhos da Revolução, a caça aos homens!

Para os logares dos homens subiram as *mulheres e os padres*. O espirito das Tulherias! Então como hoje. Em França como em toda a parte.

No tempo da Restauração, como no tempo do segundo Imperio.

Lêr o bello livro do general Jourdy—*L'Instruction de l'Armée française, de 1815 a 1902*. Auctoridades insuspeitas!

Quem queria empregos, quem queria promoções, quem queria commissões, dirigia-se á duquesa de Angouleme, filha de Luiz XVI, a Madame du Cayla, amante de Luiz XVIII, ou aos padres. Pertencer á *Guarda Municipal*, isto é, á *Gendarmerie*, era a suprema honra.

Os officiaes da *Guarda Municipal* eram creaturas do rei e tinham preferencias sobre todos os outros officiaes. Lêr o bello livro do general Jourdy!

«Não bastava á Restauração pôr todas as suas creaturas á frente do exercito. Para que este não lhe *mettesse nenhum medo* aprisionava-o entre o *Gendarme* e o *Padre*.»

Ha um paiz, que costuma andar muitos annos atraz dos outros, onde hoje succede, precisamente, a mesma coisa!

«O poder occulto da *Congregação* chegou a exigir todas as nomeações, não só dos officiaes do exercito mas até dos pares de França. Era a *Congregação* que governava!

Ninguem ousou mais pronunciar os nomes dos herbes das ultimas guerras, dos mais puros patriotas como Hoche e Carnot, que só a nossa geração restaurou na plenitude do seu brilho, e que desapareceram então, e por muito tempo, da lingua franceza.

A dynastia não se contenta com arrancar ao exercito todas as suas tradições. Arrebata-lhe a missão sagrada da defeza da patria para o occupar n'uma *missão de policia*.»

Em toda a parte a mesma coisa!

«A instrucção militar consiste em manobrar docilmente ás ordens dos sub-prefeitos e merecer-lhes elogios. Para os officiaes a grande questão é obter as boas

graças do rei, da sua favorita, dos principes e das princezas.

Madame de Cayala consegue tudo. Trafica, diz-se, com as patentes, com as commissões, com as condecorações e arranja com isso uma fortuna.»

No tempo do imperio succede a mesma coisa. D'onde se vê, sempre, que o espirito das Tulherias é immutavel e eterno!

O general Thoumas, falando do periodo que precede 1870, escreve, no livro já citado:

«Entretanto, o que faziam os officiaes? Misturados na vida comum, viam que toda a gente procurava enriquecer e que muitos o conseguiam. O preço de todas as coisas tinha augmentado de tal maneira que o seu soldo se tinha tornado inteiramente insufficiente, tanto mais que muitos d'elles se tinham endividado com a guerra da Criméa, guerra durante a qual a quasi totalidade dos seus vencimentos mal chegava para o alimento. Tornaram-se, pois, forçosamente ambiciosos. A leitura do *Almanach*, e os calculos sobre as suas probabilidades de promoção, tornaram-se a base da sua instrucção militar. Não falavam n'outra coisa. Passava-se a vida nos cafés, zombando-se de quem se entregava ao estudo. Os que ficavam em casa para trabalhar, eram tidos como suspeitos. A primeira condição de promoção era possuir boa figura, ter boa saude e vestir com elegancia. Além d'isso, comprehender, na infantaria, o serviço do official como o do cabo de esquadra (este homem está a descrever Portugal!) e conservar correctamente a mão sobre a costura das calças, com os olhos fixos a 15 passos na frente, falando com o coronel. Na cavallaria recitar de cór a ordenança e montar com arte um cavallo bem ensinado. Na artilheria, affectar o mais profundo desprezo pelos conhecimentos technicos. Em todas as armas, enfim, ser *bem recommendado*. Um novo flagello cahiu sobre o exercito e sobre o paiz: a *recomendação*! E ao passo que todos os flagellos são passageiros, como a peste, o cholera, os gafanhotos, a *recomendação* persiste como um mal chronico, que matará o doente não se tomando medidas energicas para o matar a elle.»

Em conclusão, por hoje: o espirito das Tulherias era sob o imperio o que tinha sido sob a restauração. Sempre o mesmo, ou se tratasse de Luiz XVIII, ou de Carlos X, ou de Luiz Philippe, ou de Napoleão III.

O exercito reduzido a fazer a policia do throno.

O exercito coagido a sobrepôr a defeza do regimen á defeza do paiz

O exercito com a sua missão falsificada.

O exercito sem base moral, sem ideal, portanto incapaz de defender a sua patria sempre que a patria d'elle precisasse.

Só houve exercito em França durante a primeira e a ultima republica. Isto é, quando teve sentimento de verdade, quando se identificou com a consciencia na-

cional de que o regimen era o interprete fiel.

E' este o facto culminante, que importa apreciar devidamente, facto posto em relevo, registado, affirmado, pelos mais illustres escriptores e as mais incontestadas auctoridades do exercito francez.

A elle voltaremos, dada a sua importancia.

Questões d'estas vêem-se de alto. Não se julgam pelo criterio estreito e interesseiro das affirmações dos serventuarios, alugados para escrever mentiras nos jornaes ou para as proferir nos parlamentos.

TRANSCRIPÇÕES

O *Debats*, alem das *Cartas d'Algueres*, transcreveu o nosso ultimo artigo de fundo, de que *O Norte* tambem transcreveu um longo trecho, commentando-o, e ao qual fizeram tambem amavel referencias o *Jornal de Abrantes* e o *Povo de Guimarães*. Agradecemos.

ATTENTADO

Em Barcelona, quando o sr. dr. Antonio Maura, presidente do conselho de ministros de Hespanha se dirigia á Deputação Provincial, um operario de 19 annos de nome Joaquim Michel, desfarçando desejar entregar-lhe um memorial, deu-lhe uma punhalada no peito que, felizmente, não teve graves consequencias, por o sr. Maura ir vestido com a farda de ministro, que impediu que o punhal se cravasse mais.

O criminoso foi preso n'uma rua proxima quando fugia desordenadamente.

JAPONEZES E RUSSOS

O ultimo desastre dos Russos veio mais uma vez provar que não ha exercito capaz, nem coisa nenhuma, onde não houver ideal.

O Japão tem o ideal da liberdade, o ideal d'uma missão historica, d'uma missão civilisadora entre os povos amarellos. E esse ideal alevantado mantem-o n'uma lucta gigantesca e fa-lo triumphar.

O exercito russo é o exercito do autocrata, d'uma nação onde se decompõe um regimen condemnado, onde falta a função renovadora do direito. E' uma machina pezada, com peças ferrugentas, a que falta o enthusiasmo, o fogo sagrado da solidariedade fundada na liberdade e na justiça. E o colosso seccumbe.

Desde o primeiro dia que dissemos aqui, nas *Cartas d'Algueres*, que talvez o Japão viesse a seccumbir ao numero, mas que não seccumbiria por menos cultura, menos intelligencia, menos habilidade.

Mostrámos n'essas cartas como o poder da instrucção fez em pouquissimos annos d'um povo bar-

baro um grande povo civilizado e civilizador. Escrevemos que as decantadas fraquezas de raça e as decantadas falhas do verniz com que muitos queriam pintar o Japão, eram mais um producto da paixão dos sábios do que uma realidade.

E' o que se está vendo.

O Japão virá a ser vencido. Outra vez o dizemos. Mas a sua superioridade militar sobre os russos já está provada.

E somos tão insuspeitos ao dizer isto quanto é certo que, no fundo, sympathisamos com os russos.

Os russos têm dado provas, desde o principio, d'uma grande imprevidencia.

Ora se ha qualidade que caracterise os homens fortes e as nações fortes, essa qualidade é a previdencia.

A Russia, como a França em 1870, como a Hespanha em 1898, está-se cobrindo de vergonha.

E' a sina das nações servidas por regimens condemnados.

Não haja duvida alguma a tal respeito.

BATOTINHA

Diz-se que n'uma baiuca ali para os lados da rua da Alfandega, costuma-se de vez em quando jogar um pouco a batotinha. Pela occasião da feira de S. José foi um desaforo.

E a policia dorme, resona e torna a resonar.

E' molestia de somno...

Carreira de tiro

A direcção do Club Mario Duarte, conseguiu que fosse superiormente auctorizado a frequentar a escola do tiro na Gafanha, com armas de guerra, todos os socios d'aquelle club e outros cidadãos extranhos áquella associação, de aqui e do visinho conselho de Ilhavo.

Cartas d'Algures

15 DE ABRIL.

Vimos como a independencia do capitão, a autonomia da companhia, o maximo da iniciativa individual em todos os graus da hierarchia militar, é considerado no mundo, entre os mais illustres militares, a razão primeira do extraordinario esplendor a que chegou o exercito allemão.

O relatório do barão de Kaulbars, já por nós citado, fornece n'esse ponto as informações mais curiosas.

«O capitão confia o posto de instructor áquelle dos seus tenentes que lhe parece mais apto para esse fim. Esse tenente dirige então a instrucção dos recrutas, sob a vigilancia immediata do capitão, esforçando-se este, comtudo, por lhe deixar a maxima latitude, entendendo que é essa uma condição indispensavel para o exito da instrucção, e o melhor meio de impedir que o official, que d'ella se encarregou, se desgoste da sua tarefa, de tanta fadiga e responsabilidade.»

«De tempos a tempos apparecem o commandante do batalhão e o do regimento. Passam lançando um rapido olhar sobre a instrucção, mas sem pararem muito tempo no mesmo logar, com medo, demorando-se ao pé d'uma companhia, de constringer o capitão, embaraçando-lhe a sua independencia, abalando a confiança que n'elle devem depositar os seus soldados.»

E' vulgarissimo ver no mesmo regimento os capitães adoptarem e seguirem methodos e processos de instrucção inteiramente oppostos. Kaulbars escreve:

«Em qualquer caso, os commandantes de batalhão e regimento absteem-se rigorosamente de intervir e deixam plena liberdade ao capitão. Acontece muitas vezes que vendo dois capitães de companhia divergir inteiramente, e instruir os seus homens cada um pelo methodo que imaginou, o coronel declara, abertamente, que segue com o maior interesse essa experiencia, e que espera, impacientemente, o dia da inspecção dos recrutas, para verificar qual dos dois systemas deu melhores resultados. E' impossivel desconhecer que o coronel emprega, d'esta fórma, o meio mais seguro para levar os capitães a fazer, physica e moralmente, todos os esforços necessarios para chegarem o mais directamente possivel ao fim que se propõem.»

«Eu ouvi um dia um general manifestar a um dos capitães, que servia ás suas ordens, o espanto de que estava possuido pelo methodo que elle seguia na instrucção da companhia. «Procedendo assim, capitão, dizia elle, não chegareis a resultado nenhum.» Tomei a peito não perder de vista, desde esse dia, aquella companhia. Verifiquei que, semanas seguidas, o capitão persistiu, sem a menor hesitação, na sua maneira de ver e de fazer. Chegado o dia da inspecção á companhia, á qual assistia, precisamente, o general de que se trata, reconheceu o coronel que os homens do capitão estavam perfeitamente instruidos, testemunhando francamente a sua satisfação. Vi então o general aproximar-se e dizer alto, deante de todos os assistentes. «Capitão, confesso-me vencido. Ainda que certos detalhes podessem ser tratados de outro modo, obtivestes resultados que eu estava longe de esperar.» Felicitou depois, vivamente, o capitão, e, por ultimo, voltando-se para os que o cercavam, exclamou: «Isto prova, meus senhores, que em todas as idades se aprende.» Imagine-se a impressão excellente que sobre os officiaes fazem taes exemplos e como elles são de natureza a desenvolver o ardor e a iniciativa, mesmo n'aquelles individuos que não estão predispostos por temperamento nem para uma coisa, nem para a outra.»

E' gente intelligente, é o que é. Intelligente e culta. Os nossos são estupidos e ignorantes. Sobretudo ignorantes. Portanto, pessimamente orientados. De olhos fechados, a dar com a cabeça pelas paredes, arrastando os outros atraz de si.

Esta é que é a verdade, doa lá a quem doer. Os nossos dirigentes, quer no elemento civil, quer no elemento militar, são d'uma ignorancia assombrosa. Sabem umas coisas, quando sabem, muito pequeninas do officio, e julgam que é tudo. D'ahi a sua estreiteza de vistas, o seu limitado horizonte, a sua rotina desgraçada.

Não daremos um passo, emquanto estivermos assim. Temos dicto isto muitas vezes; não cessaremos de o repetir.

Esse relatório de Kaulbars é, verdadeiramente, um livro excelente. O official francez Marchand, que o traduziu do russo, diz d'elle, com muita propriedade, n'uma das ultimas edições, que, sendo velho, é sempre novo. Exactamente. «Elle procurou sobretudo (Kaulbars) fazer conhecer o que, segundo os proprios allemães, constitue a força principal do seu exercito, isto é, o espirito que o anima, o Geist, como dizem os nossos visinhos, que penetra e vivifica todas as suas instituições militares. E' o que faz a verdadeira originalidade e o interesse d'este livro. Desde que elle appareceu pela primeira vez, a organização militar allemã tem-se modificado successivamente. Mas se alguns orgãos da machina mudaram, o que se não alterou, o que se não mudou, foi o proprio motor. Este ficou sendo sempre o mesmo. Pelo menos os allemães esforçam-se por o conservar intacto. Ora, foi ao estudo d'esse motor que particularmente se dedicou Kaulbars. Por isso mesmo a sua obra não tem envelhecido.»

Marchand termina o seu perfa-

cio por exaltar «as idéas de des-centralisação do commando e de iniciativa individual, idéas que fazem ha tanto anno a grande força do exercito allemão» exhortando os rotineiros francezes, os rebeldes, a aceitarem-n'as, a submeterem-se.

Esta é, na verdade, a grande reforma a fazer nos exercitos que querem caminhar. Em França já está feita, ha mais de 15 annos, de uma maneira verdadeiramente practica, na phrase de Marchand.

Entre nós, ninguem pensa n'essa heresia!

Pois, repetimos, a grande reforma não é augmentar ou diminuir regimento, batalhão, ou companhia. A grande reforma não é augmentar ou diminuir tribunaes militares. Não é fazer ou desfazer figurinos. E' reformar os costumes. E' impôr ao official a consciencia da sua missão. E' fazer d'elle um homem, na extenção mais nobre d'este termo.

Precisamente o que nenhum ministro da guerra fez, nem fará. Oh! não. Nem fará. Nenhum ministro da guerra é capaz de acabar com os vicios tremendos, que se aninham nos quartéis. Nenhum ministro da guerra é capaz de lá levar o espirito de trabalho, de justiça, de moralisação. Nenhum! Nenhum!

Continuará vigorando a sciencia dos papelinhos. Sciencia feroz! Continuará limitando-se tudo a examinar a gola do casaco, em vespuras de procições. Continuará toda a instrucção concentrada nas continencias, manifestações exteriores de respeito e deveres para com os superiores. Ha regimentos onde as theorias se resumem, exclusivamente, a este grave ponto! Continuará o capitão de inspecção a pensar, antes de castigar um homem, se elle será parente, amigo, protegido, ou pelo menos protegido do impedido de alguém de mais alta gerarchia. Continuará o capitão da companhia impossibilidade de applicar as leis aos impedidos dos officiaes superiores, para não cair em desagrado. Continuará a competencia disciplinar a ser uma mentira e o direito de reclamação, ou de queixa, uma burla. Continuará a ser vedada toda a iniciativa. Continuará a ser prompta a censura, a insinuação, a seringação, pelas mais pequeninas das coisinhas, e a manter-se a ausencia do estimulo, a negação systematica de recompensa e auxilio, quando não a chacota ou o desprezo, por tudo quanto representar um serviço authentico, um zelo comprovado, um progresso real. Emfim, ficará apontado a todo o militar, cada vez com mais intimativa e nitidez, o unico caminho que lhe fica aberto para não ser incommodado: lançar tudo ao desprezo, ser indifferente com todas as coisas, não querer saber de nada, fazer só o preciso para não ser emvascado.

Nenhum ministro da guerra será capaz de lançar hombros a essa reforma. Comtudo,—outra vez o dizemos e d'isso fiquem certos os que tratam agora na imprensa e no parlamento de questões militares, que são as questões do dia,—comtudo é essa a primeira de todas as reformas. Sem ella, façam o que fizerem, estaremos como estavamos. Não ha, nem haverá exercito.

Copiámos da Allemanha e da França todos os regulamentos. Mas o que não copiámos de nenhuma foi o espirito militar.

Kaulbars regista, no seu livro excellente, que a exclusão na Allemanha é inflexivel, é impiedosa contra todos os elementos sem valor. São os proprios camaradas os primeiros a perseguir-los. Em Portugal succede precisamente o contrario.

Um amigo nosso, extranhando uma vez que um official, zeloso e compridor do dever militar, estivesse sendo perseguido n'um regimento onde viviam em paz os maiores pulhas, pedia ao coronel a explicação do caso estupendo. E o coronel explicou: «Ser pulha é o menos. Um pulha que não incommoda é sempre tolerado, se não chega, mesmo, a ser querido. Mas um homem honrado que incomode, pelo seu exemplo, ao menos, não pôde ser admitto. No exercito, mais do que no resto da sociedade portu-

guezia, talvez porque no exercito ha, ainda assim, mais responsabilidades, não se tolera um homem que incomode. Ora incomoda sempre, e muito, aquelle que ainda tiver a ingenuidade de tomar isto a sério.»

Garantimos.

E devemos dizer que esta applicação, na verdade, é tão suggestiva, é tão eloquente, que... applica tudo!

A. B.

A BRUXARIA

Continua, sem que ninguem queira saber, esta santa gentinha no seu governo de vida industriosa.

Consta-nos que um pobre homem, alli dos lados de Ilhavo, não atinando quem fosse o larapio que lhe tinha furtado uns trinta mil reis, disseram-lhe por meio de bruxaria, que tinha sido um irmão.

Isto agora é mais sério porque envolve a honra d'um cidadão que muitas das vezes pôde estar innocente, e ser enxovalhado por causa d'esta canalha. E ainda nos falam muito em segredo que se dão casos de abortos.

Vigie quem tem obrigação para isso e varram d'uma vez para sempre com essa nojentissima raça, que é o retrocesso da civilisação.

CHICÓRIA

Este anno, a producção d'esta mercadoria na villa de Eixo, regoulou por duzentas toneladas.

O seu preço regula por 160 reis cada kilo.

Fallecimentos

Em Oliveira do Bairro falleceu n'um dos dias da semana finda, o pae do nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda, acreditado e bemquisto commerciante d'esta cidade.

Era já de avançada idade e ha muito que se achava entravado.

A seu filho os nossos sentidos peza-

*

Tambem falleceu em Villa Nova de Ourem, após um prolongado soffrimento, o sr. João de Barros, moço de 22 annos, a quem o flagello da tuberculose arrancou tão cedo aos carinhos de sua familia.

A sua familia, e bem assim a seu pae, o sr. Henrique de Barros, o nosso cartão de pazames.

Até que emfim!

Espera-se por estes dias que chegue á nossa barra cinco navios carregados com cantaria para o predio em construcção, ha cinco annos, na rua do Espirito Santo.

Mais vale tarde do que nunca. Tardou mas chegou.

Vergonhoso!

D'esta vez vão

E' ponto assente que o kiosque da Praça Luiz Cypriano e o chalet da guarda fiscal, na Praça do Peixe, vão ser queimados d'esta vez na véspera de S. João.

E' bem entendido; para que diabo servem aquelles mônos?

O kiosque ainda podia servir n'uma marinha para se fazer n'elle a espera á graça, que é alto, por isso se descobrirá bem.

O outro, o precioso chalet, para uma barraca de guarda do caminho de ferro, ainda tambem escapava.

Vá, dêem-lhes este destino, senão, na véspera de S. João, lá vão elles para a fogueira.

Não se admitem mônos n'uma cidade capital de districto.

SAL

Custa actualmente 43:000 reis cada wagon com 10:000 kilos posto na estação d'esta cidade.

Sob o titulo Partido Republicano e Reorganisação Republicana publicou o nosso prezado collega O Norte dois artigos de fundo, um em 7, outro em 14 de abril, defendendo a reunião immediata d'um congresso para eleição do directorio do partido.

Sem discutirmos esse ponto, que é para nós meramente secundario, por varios motivos, permitta-nos o collega que, prestando homenagem á nobreza e sinceridade dos seus intuitos, façamos, com o espirito de concordia de que estamos animado, e com o desejo ardente,—e por isso mesmo que o temos—de que surja em Portugal um poderoso partido republicano, uma ou outra observação a proposito d'algumas das suas afirmações.

Diz o collega «que em pouco tempo, e obedecendo aos mais elevados interesses patrioticos, todas as pequenas dissidencias da familia republicana se extinguiram e que a mais perfeita união foi estabelecida.»

Ora seria muito bom que assim fosse. Mas parece-nos que é cedo de mais para o afirmar.

A confiança excessiva é quasi sempre prejudicial.

Sem solidariedade, sem disciplina, não ha exercitos, não ha partidos. A disciplina politica não se pôde impôr, nem manter, pelos mesmos processos porque se impõe e mantem a disciplina militar. Mas é ella indispensavel aos partidos, por mais democraticos, por mais radicaes que elles sejam, como é indispensavel aos exercitos.

Não a tendo tido, nunca, o partido republicano, porque nunca a teve, esta é a triste verdade, apparece com ella d'um dia para o outro, só porque se constituíram comissões em varios municipios do paiz? E' optimismo demasiado.

E esses optimismos são, muitas vezes, como os pessimismos, verdadeiramente prejudiciaes. Os pessimismos desalentam. Mas os optimismos, quando não assentem em bases sólidas, conduzem ao mesmo resultado. Se a realidade desmente a confiança cega do primeiro instante, o desalento que ella produz é cem vezes mais profundo que aquelle que resulta d'um pessimismo infundado.

O melhor é prepararmo-nos para trabalhar, com energia, com sinceridade, mas sem arredarmos a hypothese de embaraços, difficuldades e attrictos. Digamos mais: esses embaraços não de apparecer, esses attrictos são fataes. Para que nós havemos de illudir? Contemos com elles, que é o mais seguro. Mas preparemo-nos resolutamente para os vencer.

Ainda não está estabelecida a mais perfeita união entre os republicanos. Não ha instituição nenhuma, verdadeiramente sólida, sem que lhe assista o sentimento da verdade. Não precisamos de seguir—nem devemos—os processos dos monarchicos. Não. Não está estabelecida a mais perfeita união entre os republicanos. Mas por ella se trabalha e a ella chegaremos, se quizermos. O essencial é querer-se, e saber querer.

O partido republicano é composto de elementos heterogeneos, alguns profundamente perturbados. E' motivo sempre para estar desconfiado, para estar acautelado.

Os peores d'esses elementos são aquelles que teem uma falsa idéa da democracia, aquelles que, dizendo-se republicanos, não sabem bem o que é republica, e aquelles que não teem convicções de qualidade alguma. Esses elementos são terribes, n'um partido em que a equaldade é tomada no sentido de cada um fazer o que quer e dizer o que quer, mesmo que sejam as maiores asneiras, no sentido de todos valerem a mesma coisa, o que degenera a cada passo na má criação, na impertinencia aborrecida, na incommoda e revoltante grosseria.

O Norte lembra aos chefes republicanos a tremenda responsabilidade em que podem incorrer. Faz bem. Mas não seria mau lembrar,

tambem, que a responsabilidade dos soldados é a mesma, ou maior. Os chefes querem ser tratados como taes. A isso teem direito, se são chefes. Se os não tratam como taes, se a chefatura só é titulo para poderem soffrer descompostura do primeiro idiota que apparece, a desconsideração, a grosseria, a indisciplina dos soldados, sem proveito algum para a causa democratica, estão no plenissimo direito, e teem, até, o dever de depôr o bastão do commando e retirarem-se para casa.

Compreende-se o sacrificio, quando elle é util. Mas que utilidade resulta d'um combate em que os soldados procuram fuzilar os chefes pelas costas, ainda nos momentos em que os chefes dão provas da maior lealdade e abnegação?

Dizemos isto por um dever de justiça, apenas. Porque todos sabem que não ha n'este periodico quem se considere chefe, ou o pretenda ser. Longe de nós tal pretensão. Podemos, pois, falar com desprezimento, sem que as nossas palavras levem a mácula de suspeitas.

No partido republicano tem havido chefes maus e chefes bons. Coisa curiosa: os menos sinceros e os menos habéis foram sempre os mais festejados e os mais applaudidos. Ora é de justiça concordar que custa muito ter valor para receber pontapés em recompensa.

Ainda quando os pontapés veem d'um republicano sincero, d'um homem possuido d'uma forte convicção, vá lá, mesmo que sejam imerecidos e injustos. Mas quando veem do primeiro idiota ou troca tintas, que se lembra de se dizer republicano só para se arrogar o direito de injuriar os que estão cheios de serviço e talento?

Porque os peores disculos do partido republicano teem sido precisamente uns mariolas sem convicções nenhuma, republicanos só no nome, sempre promptos a assentar praça em todos os campos. E' procura-los, que não são difficeis de encontrar. Ide analysar todos esses bandalhos que se fizeram francocoes, progressistas, regeneradores, da esquerda dynastica, da liga liberal, e vereis que enquanto estiveram no partido republicano passaram o tempo a intrigar, a calumniar, a fazer e a dizer mal. E nas mesmas condições estão alguns, que não tendo apostado publicamente, que continuando a dizer-se republicanos, teem passado a vida a hostilizar e a prejudicar a causa democratica e aquelles que a servem lealmente.

O partido republicano sempre teve o grandissimo defeito de aceitar de braços abertos toda a escoria vinda dos partidos monarchicos, e o de não saber distinguir entre os republicanos que valem e os que não valem. E assim levou o desalento, o aborrecimento, o canção, a todos os trabalhadores honestos. Qual é o remedio? E' dizer a verdade, a todos, é manter a justi-

ca, é pôr energicamente cada um no seu lugar, é fazer irradiar da imprensa republicana, para todos os lados, uma propaganda sã. Não digamos, desde já, que foi estabelecida na familia republicana a mais perfeita união, para que as massas não recebam amanhã, com surpresa, a noticia d'um acto de dissidencia, de indisciplina ou de rebeldia. Os republicanos tiveram sempre a preocupação da tal perfeita união. De fórma que ficam atarantados com o acto mais insignificante de discordia. Ora quem está livre d'um idiota vir amanhã fazer escandalo publico, ou de qualquer fórma promover desordens entre os republicanos, porque as facções monarchicas o destacam para isso, ou porque é um pretencioso asnatico, como tantos que todos nós conhecemos? E porque veio, hão de logo os republicanos cruzar os braços, succumbindo de desanimo, porque não ha intimo accordo, porque não appareceu a paz e a concordia entre os republicanos? Não. Impõem-se com criterio, e, ao mesmo tempo, com vigor, com energia, contra o idiota, ou contra o discolo, seja elle quem for.

E' a unica maneira de afirmar a união, de salvar a disciplina, de manter a dignidade e a força do partido.

Emfim, o caso é este. O partido republicano ainda não está reorganizado. Está em vias de reorganização. E é preciso que se reorganize sólidamente, ainda que demore. Que tenha chefes, mas chefes acatados e respeitados, enquanto se mantiverem na honra dos principios. Que tenha chefes, mas que, em vez de energumenos, ou parvos, tenha tambem soldados. Um partido com solidariedade, com disciplina, marchando como um exercito á conquista que se propõe. Como um exercito. Não se esqueçam.

Se isto se poder fazer em pouco tempo, melhor. Mas se for preciso demorar, antes obra demorada e boa, que obra apressada, mas de fancia.

Este é o nosso parecer, que expomos lealmente, mas que não impomos a ninguem, pelo mesmo motivo porque ninguem nos impõe, tambem a nós, as suas opiniões.

BAILE

Promovido pela direcção do *Club Mario Duarte*, effectou-se no sabbado penultimo um attraente baile, que terminou na manhã do dia seguinte.

A casa achava-se ricamente decorada e o serviço de *buffete* foi permanente para os socios do baile.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, vende-se na *tabacaria Monaco*.

gãos da vida de relação. Era o homem sobre-natural, aquella coisa inexplicavel de que se formam o anjo ou o demonio, as visões beatificas ou o revoltar escandecente da legião.

Os frades entraram a tomar conta dos meninos. O prior, ao pegar nas mãos d'elles, disse:

— É tempo. Vá á sua vida, senhor Braz de Abreu.

— Adeus, filhos. Abençoe-me, reverendo padre!... disse o irmão professo da ordem terceira de S. Francisco, e saiu.

Sobre-humana coragem! Entrar na casa, onde, vinte e quatro horas antes tinha almoçado com sua mulher e filhos! Entrou. Foi ao oratorio de sua mulher. Se reparasse, poderia ainda ver signaes humidos de lagrimas no genuflexorio e na peanha do Christo de marfim. Estava orando, quando ouviu passos na escada. Levantou-se para fechar a porta, e furtar-se a dar explicação d'aquelle habito, d'aquelle soledade. Não foi a tempo. Era Francisco Luiz de Abreu. Caminhou para elle com firmeza e risinho semblante:

— Meu bemfeitor, disse elle, aqui me tem. Faça grande differença do que era ha quarenta annos. Então,

A nossa carteira

Já retirou para Guimarães o nosso amigo sr. Antonio Candido Moreira, socio d'uma importante casa de lanificios d'aquella cidade, que aqui veio fazer a feira de março.

E como regressou completamente bem, felicitamo-lo por isso.

Já regressou a esta cidade o sr. dr. Eduardo Silva, professor do nosso lyceu e advogado.

Já se encontra em via de convalescença a menina Eduarda, sobrinha do nosso bom amigo sr. Vicente Alves Dias, acreditado commerciante de Espinho.

Retirou segunda-feira para a sua casa na Encarnação (Gafanha), a esposa do nosso amigo sr. João Ferreira Felix, que vae alli restabelecer-se da enfermidade que por algum tempo aqui a reteve no leito.

Acompanhou-a o nosso prezado amigo.

Retirou terça-feira para o Porto, onde esteve alguns dias entre nós, o sr. Americo da Graça, artista n'aquella cidade.

Tem estado em Lisboa o sr. José Ferreira Gonçalves, activo commerciante do Porto.

Está no Gerez, com sua esposa e filha o sr. Augusto Guimarães.

Do goso das férias da Paschoa, retiraram para o Porto, Coimbra e Lisboa, os applicados academicos srs. José, João e Feliciano Rodrigues Soares, Arthur Baptista Coelho, João Pedro Ferreira Junior, Alvaro e Jayme dos Santos Potto e Egas Pinto Basto.

Tem estado no Porto, o nosso amigo sr. Henrique dos Santo Rato, habil artista d'esta cidade.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 5 ás 7 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Mi-carême». Polka (Beccuci) «A Noite e Dia». Phantasia da opera comica (Lecocq) «Il Pagliacci». Delection da opera (Leonevallo). «Flôr Campesina». Ouverture (Reis) «Les Fleurs». Wasas (Waldteufel). Ordinario.

Mercado de Peixe

Já se encontra quasi concluido este importante mercado, tendo os calceteiros já hontem acabado o ladrilhamento das ruas.

viu-me nas faixas infantis, e teve-me junto do seu coração. Abrace-me agora vestido na mortalha.

O hebreu apertou-o com vehemencia. As palavras não podiam sair do peito anciado e da garganta afogada por suspiros. Passado tempo, disse:

— E era preciso isto? A conformidade com a vontade de Deus exprime-se com vestir esta tunica, e apertar este cordão? Não é o homem tão grande na dôr, sem a celebrar com a magestade funebre d'estes habitos?

— O homem é um verme, e mais nada, murmurou Braz Luiz.—Se a religião me não soldar os pedacos da vida, se me ella não tirar d'este tumulo em que estou caido, que hei-de eu fazer tão esmagado até á medula dos ossos?

— Pois os seus filhos? que é dos seus filhos, Braz Luiz?

— As minhas filhas assistem, as innocentinhas, á penitencia de sua mãe.

— Penitencia de quaes peccados?

— Oh! calle-se!... por Deus, calle-se, diante do filho de Antonio de Sá! Se não era crime o meu viver para que me avisou?...

— Diz bem... Perdõe-me.

Companhia Lisbonense

Esta sympathica Companhia, de que é empresario o actor Oliveira, representou no passado domingo—*Os Sinos de Corneville*, sendo o seu desempenho bastante regular. Devemos especialisar o actor Gentil, que interpretou bem o papel de «Gastão de Corneville», sendo por isso bastante applaudido.

Adelaide, no difficil papel de «Rosalina, a camponeza», revelou-se uma artista de merito.

Vidal, no papel de «tabellião», não podia ir mais longe.

Germana, na «aldeã», fez tudo quanto as suas forças lh'o permittiram.

Emfim, todos os mais artistas conseguiram, ou mais ou menos, tirar «partido» dos papeis que lhe estavam confiados.

Pena é que o publico aveirense não corresponda porque, na verdade, esta companhia da maneira que se apresenta bem merece o seu auxilio. E' natural que muitas das familias que ainda alli não foram, duvidem da apreciação que lhe estamos fazendo. Pois dizemos-lhe francamente que vale a pena ir passar alli um bocadinho de noite. Não se arrependirão por isso, creiam-no.

O TEMPO

Depois de uns dias de verdadeira primavera voltou novamente a chuva e o vento, estando a temperatura um pouco fria.

Hontem foi o dia em que se resentiu muito frio, caíndo por vezes algumas bátegas d'agua.

Ainda assim, as sementeiras estão quasi concluidas e estas chuvas vieram beneficiais-as.

«Gazeta dos Lavradores»

Sob a direcção technica do antigo professor da escola de agricultura da Casa Pia de Lisboa, sr. José Ernesto Dias da Silva e com aquelle titulo, encetou a publicação na capital uma nova revista illustrada de agricultura e criação de gados, destinada a divulgar praticamente todos os conhecimentos que colloquem o assignante ao corrente de tudo quanto se passa no paiz e no estrangeiro em materia de progresso e desenvolvimento agricola.

A *Gazeta dos Lavradores* responde na sua secção—«Consultas agricolas e veterinarias», por meio do jornal, a todos os assignantes que a consultarem sobre os assumptos da sua especialidade, e publica todas as leis que directamente interessam o agricultor e os annuncios das principaes casas de utensilios e machinas agricolas, adubos, sementes, plantas, etc.

Além d'isso a *Gazeta dos Lavradores* publica a lista dos fóros do Estado annunciados para venda, o dia e onde se effectua, prestando d'esta fórma um grande serviço aos assignantes, que muitas vezes deixam de adquirir os fóros das suas propriedades, por ignorarem que elles vão á praça, quasi sempre por quantias insignificantes e que são comprados por outras pessoas, que depois os vão vender aos interessados por um valor exorbitante.

Publica tambem e gratuitamente aos assignantes, uma vez por mez, em cada uma das secções—«Offerta e procura de Productos agricolas», um annuncio de

cinco linhas, facilitando a venda e a compra dos generos que teem armazenados ou desejam adquirir. Tambem diligenciará publicar o preço dos generos obtido nas principaes feiras do paiz, estabelecendo uma norma para as transacções que o assignante tenha de efectuar.

Pelo exposto é uma revista que se torna indispensavel a todos os proprietarios e agricultores, etc.

Publica-se nos dias 10, 20 e 30 de cada mez, em fasciculos de 16 a 32 paginas, sendo a sua assignatura excessivamente barata, pois que por semestre são 15000 réis e por anno 15900 réis.

A sede da redacção e administração é na Calçada de Santo André, 100—LISBOA.

A administração aceita correspondentes nas provincias e envia gratuitamente um numero especimen, a quem o requisitar por bilhete postal.

Boas estampas

Chegaram ha dias para o serviço da *Colonial Oil Company*, para a conducção de petroleo aos domicilios, duas soberbas mullas, que o nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda foi comprar a Badajoz.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarello.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	640
» amarello.....	620
Trigo gallego.....	15060
» tremez.....	920
Cevada.....	720
Centeio.....	680
Batatas, 15 kilos.....	480
Ovos, duzia 120, milheiro...	15200

Notas alegres

Um frade inimigo do seu prior, estando proximo á morte, confessou-se a um padre seu amigo, mas foi-lhe dada a communhão pelo prior. Então o frade, que era poeta, exclamou com ar de muita commoção:

Perdão, meu Deus, perdão ao delirante, Hoje em Jerusalem, pela vez segunda Montado n'um burro, entraes triumphante.

ATENÇÃO

VENDEM-SE PULVERISADORES **Systema Vermorel.. 8000**
Gallott..... 9000
Gobet..... 9000
Topilhos, systema Vermorel..... 4500

no deposito da importante casa bacarense Antonio Correia Braga. Em Aveiro, Antonio Ferreira Felix, Filhos (Successores) aonde acaba de chegar uma grande remessa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem garantidas por cinco annos.

Francisco Luiz.—Soffra, chore, despedace-se sem amaldiçoar, e verá que está comsigo o Deus de Socrates, o Deus de Saulo, o Deus de Antonio de Sá, o Deus de Heitor Dias da Paz, o meu Deus, o creador de todos os martyres e algozes, de todas as cruces e de todos os postes levantados sobre a lenha que vae abraçar um corpo. E' Jesus de Nazareth o seu Deus? Sirva-o, tome-lhe dos labios a esponja e sorva-lhe o fel, ame os inimigos, valha aos desvalidos, acólha os orphãos á alma que os aconselha, dê-lhes tecto que os cubra, e olhos que os chorem. Assim faziam os justos segundo Platão, os justos segundo Boudhha, os justos segundo Phlón, os justos segundo Jesus, os justos segundo Luthero. Ame, condoa-se, e ampare como elles, e será salvo por melhor mundo, e sentirá n'este as supremas alegrias da consciencia...

— Oh! não é isso—atalhou Braz Luiz—ha uma só religião, e uma só salvação.

(Continua.)

(45) **FOLHETIM**
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)

XV

Angustias que existiram

Meia hora depois d'este lance, os dois meninos de Braz Luiz de Abreu; um de dez, outro de nove annos, eram conduzidos ao convento de Santo Antonio, onde encontraram seu pae vestido com o habito de irmão professo da ordem terceira. Estacaram defronte d'elle n'um glacial spasmio. O medico tomou-os ambos, com as faces aconchegadas um do outro, e disse-lhes:

— Não haveis de chorar, não, meninos? Ficareis aqui por algum tempo. Aqui vos deixo com amigos e mestres. Fazei muito por aproveitar o tempo, e trabalhae por ganhar o coração d'estes santos homens.

Nem uma lagrima assumou aos olhos d'aquelle pae! O fogo da divina graça seccara-lhe as fontes da alma. Era já o ser humano mutilado dos or-

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-
feiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande
quantidade de telha franceza e seus accessorios,
e bem assim outros artigos para construcções,
taes como: azulejos para revestimento de pa-
redes de variados gostos, vasos para frontarias,
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos
que rivalisam com os das principaes fabricas
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças,
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros,
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde
para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-
panhia SINGER obtiveram na Ex-
posição de Paris de 1900 o mais alto
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-
tas outras que estas excellentes e
bem construidas machinas teem al-
cançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-
dores de que recebe gado
para açogue nas epochas
proprias pelos preços que
constam do seu contracto.

Venda de productos do
Matadouro Municipal de Lis-
boa, sangue secco e pulve-
risado para adubos (o mais
rico em azote), tonelada réis
68:000, tripa larga 240
réis cada massa, tripa es-
treita 260 réis cada massa,
couros todos os sabbados
ao meio-dia, sebo, estrume,
etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO
PELA DIRECCÃO GERAL D'INSTRUCCÃO
PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do
continente, ilhas e ultramar, e na
CASA EDITORA
LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro.—242-1.º
LISBOA

"Os ultimos escandalos de Paris.."

Grande romance de Dubut de Laforest,
illustrado de numerosissimas e splen-
didas gravuras. Mais interessante que
os *Mysterios de Paris* e *Rocambole*. Ro-
mance de acontecimentos sensacionaes
e veridicos occorridos na actualidade.
Obra moralissima pela edificação dos fac-
tos relatados e pelas injustiças que
esses mesmos factos frequentemente
annuncia. *Brinde a todos os assignantes:*
Uma elegante capa de brochura para ca-
da volume, impressa a duas cores e com
desenhos apropriados ao assumpto tra-
tado no mesmo volume. Um premio da
Santa Casa da Misericordia de Lisboa
nas condições dos prospectos em distri-
buição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e
5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de
160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.

Assigna-se em todas as terras do
paiz onde temos agentes, e na «Editora»
—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

A AMBICÃO D'UM REI

por **EDUARDO DE NORONHA**

Obra illustrada com numerosas gra-
vuras coloridas por Manuel de Mace-
do e Roque Gameiro, e impressa em
magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas,
40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem re-
metter adeantamente a esta empresa
a importancia de dez cadernetas ou
tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer
numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde
Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as
terras do continente, colonias e Brazil.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa
de Manuel Maria, largo do
mesmo nome, rua direita, d'esta
cidade, e por preços vantajosos
os melhores bagaços para alimen-
tação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,.”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para correiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha
de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-
ções especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para
toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-
tamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada
pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL
em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre
questões de pedagogia), 1
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-
pensavel para quem ensina a ler pela arte da leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 r

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem
terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus,
Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o
referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita
aos Arcos, há sempre excellente
calçado feito, tomando-se tambem en-
comenda por medida. Pela segurança
da obra e pela boa qualidade dos cabe-
daes se responsabilisam os annuncian-
tes.
Egualmente garantem a todos a mo-
dicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gome-
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 16
—LISBOA.

Preço 200